

CARVALHO, Edmilson – A produção dialética do conhecimento. São Paulo: Xamã, 2008, p 168.

O tema desse livro vem a ser, como se sabe, difícil. A reconstrução da passagem da dialética idealista para a dialética materialista é ainda assunto polêmico, em muitos pontos e aspectos importantes. Se alguns contornos do chamado método dialético de Marx já se encontram bem definidos – prioridade da atividade prática na conformação do pensamento enquanto tal, por exemplo –, muitos aspectos cruciais ainda requerem maior aprofundamento filosófico. Como se sabe, o próprio autor de *O Capital* não tratou da questão sistematicamente, ainda que tenha deixado, aqui e ali, trechos esparsos com indicações importantes sobre as identidades e diferenças entre esses dois ramos da dialética, os quais surgiram na época moderna em face da necessidade de compreender o seu sentido histórico.

Carvalho enfrenta o tema com coragem, movido por certa indignação: “com o nível de decadência a que chegou o capitalismo, um brutal e generalizado sucateamento das mais amplas e milenares conquistas feitas pela humanidade... ganha curso com velocidade espantosa”. É preciso, pois, reencontrar um caminho prático e teórico capaz de destravar as perspectivas das transformações sociais conducentes à emancipação do homem e à civilização societária – e não à dominação e à barbárie. Na perspectiva marxista, como se sabe, a abertura ao futuro do homem consiste basicamente na criação por meio das lutas sociais de uma sociedade em que o trabalho morto não domine o vivo, seja no plano da estrutura social seja no plano superestrutural. Ainda que os acontecimentos políticos do século XX e certos regimes políticos ainda subsistentes pareçam provar o contrário, esse movimento, que peje pela transformação da sociedade como um todo, é inerentemente, em sua essência, contra todas as formas de despotismo.

Conforme o próprio autor explica, o seu livro possui quatro desenvolvimentos interconectados. No primeiro, procura mostrar a origem prática de certas categorias como sensação, percepção, representação, conceito, totalidade, etc., as quais são fundamentais na produção do conhecimento. Mostra, nesse sentido, como estão implícitas nos atos de trabalho, ou seja, como são inerentes à atividade por meio da qual os homens se relacionam com a natureza, relacionando-se, ao mesmo tempo, entre si mesmos. Os capítulos que tratam desse tema se denominam: as noções básicas da produção do conhecimento; a razão e a totalidade. No segundo, busca expor como as categorias do pensamento que se encontram na consciência do homem, as quais foram destiladas pouco a

pouco por meio da prática histórica, são utilizadas no processo de apreender o mundo na sua atualidade e em seu passado. Os capítulos seguintes tratam desse desenvolvimento: as categorias e as palavras como abreviaturas do real, o processo de produção do conhecimento, o conceito eficaz e o conceito estéril, o problema das mediações e por que a essência não pode ser apropriada imediatamente.

Os dois desenvolvimentos acima citados ocupam a maior parte do livro. O autor, entretanto, esforçando-se para completar a sua tarefa, busca discutir em seqüência o que ele denomina de “grau de consistência de alguns pensadores da maior relevância”. Nesse sentido, ele trabalha, então, alguns aspectos das obras de autores que pertencem ao interior do marxismo, como Gramsci e autores que se encontram fora dele, como Santo Agostinho e Max Weber. Para finalizar, Carvalho dedica-se num último desenvolvimento ao tema do próprio materialismo histórico, investigando como a dialética produz a realidade social e histórica enquanto realidade social e histórica pensada. Ainda que algumas das idéias apresentadas nesses dois desenvolvimentos sejam dignas de consideração, elas parecem bem insuficientes diante da tarefa da crítica de autores tão importantes na história do pensamento ocidental.

Para desenvolver as teses sustentadas em seu livro sobre como ocorre a produção social do conhecimento, Carvalho consulta diversos autores da tradição marxista, mas é evidente que a sua fonte principal é a obra de Lukács. Por isso mesmo dois outros autores são também importantes na sustentação dos pontos abraçados por ele, Kósic e Mézaros. Isto se mostra, por exemplo, na ênfase que dedica à categoria de totalidade. O capítulo que leva esse nome se inicia, por isso mesmo, com uma citação desse primeiro autor: “a categoria de totalidade significa... que a realidade objetiva é um todo coerente...”. Ora, a negação dessa pressuposição pelas filosofias burguesas – sustenta – vem a ser expressão da fragmentação ideológica que é produzida pelo próprio capitalismo. A ciência marxista, porém, não a adota dogmaticamente, mas procura mostrar que um conhecimento abrangente e coerente da realidade social é possível e que ele pode ser efetivamente desenvolvido. Nesse sentido, a demonstração mais relevante de que o capitalismo pode e deve ser compreendido como totalidade vem a ser a principal obra de Marx, a saber, *O Capital*.

Não se pode tomar o livro aqui resenhado como um corpo de teses acabadas e canônicas sobre o tema da produção conhecimento. Há certamente muitos pontos polêmicos que podem ser objeto de disputa entre filósofos. Há outros que os especialistas certamente considerarão terem sido tratados sem a profundidade e a extensão necessárias. Há outros ainda que a própria pesquisa

avanzada não chegou a abranger de modo satisfatório. Entretanto, deve-se encará-lo como um texto introdutório que procura estabelecer mais uma vez alguns pontos importantes da compreensão marxista do conhecimento. A sua tarefa vem a ser trazer à tona materiais que os liberais e conservadores de todos os tipos gostariam que permanecessem afundados.

*José Paulo Guedes Pinto*  
Aluno de doutorado do IPE/USP